
Júlio Castañon Guimarães

As edições e a escolha do texto-base

A fim de definir as lições a serem utilizadas na colação com vistas ao preparo da presente edição crítica do romance *Crônica da Casa Assassinada*, de Lúcio Cardoso, procedeu-se, no caso das edições do romance, ao exame das cinco existentes até a ocasião deste trabalho.

A primeira edição, que data de 1959, foi finalmente tomada como texto-base em função das razões aqui expostas; designada pela sigla *A*, será descrita adiante, com os detalhes pertinentes, ao lado das outras lições que participaram da colação.

A segunda edição traz na folha de rosto: «LÚCIO CARDOSO / CRÔNICA DA CASA / ASSASSINADA / (*romance*) / 2a Edição / EDITORA LETRAS E ARTES / Rio de Janeiro». No verso da folha de rosto, lê-se: «*Desenho de capa* / Paulo Solon Ribeiro / 1963 / [fio] / Reservados todos os direitos de publicação em língua / portuguesa, total ou parcial, EDITORA LETRAS E ARTES / Rua Rodrigo Silva, 14-A – Rio de Janeiro / que se reserva a propriedade sobre esta tradução. [sic] / [fio] / Impresso nos Estados Unidos do Brasil». O colofão diz: «Este livro foi confeccionado nas / oficinas gráficas de Saraiva S.A., / à Rua Sampson, 265, São Paulo, / para a / EDITORA LETRAS E ARTES / Rua Rodrigo Silva, 14-A / Rio de Janeiro / terminando a impressão em / fevereiro de 1963».

Uma edição em formato de livro de bolso, sem apresentar número de edição, traz na folha de rosto: «LÚCIO CARDOSO / CRÔNICA / DA / CASA ASSASSINADA / [logotipo] / EDITORIAL BRUGUERA LTDA.». No verso da folha de rosto estampa-se: «*Copyright by* Lúcio Cardoso / CAPA: Foto de Alair O. Gomes». O colofão diz: «Impresso na Editorial Ibis». Sem apresentar data, esta edição

expõe na quarta de capa um texto onde se encontram dados que auxiliam na datação aproximada: «Detentor do Premio Machado de Assis, honraria máxima da Academia Brasileira de Letras, Lúcio Cardoso é, sem dúvida, de maior relevo do romance psicológico no Brasil». O prêmio foi concedido a Lúcio Cardoso em junho de 1966, de modo que a edição só pode ser posterior a essa data.

A edição do *Círculo do Livro* traz no verso da folha de rosto, entre outras, as seguintes indicações: «Copyright Maria Helena Cardoso 1979»; «Licença editorial para o *Círculo do Livro* / por cortesia da Editora Nova Fronteira»; «Composto pela Linoart Ltda. / Impresso e encadernado em oficinas próprias». Não há indicação nem de data nem de número da edição».

A edição da Editora Nova Fronteira traz no verso da folha de rosto, entre outras indicações, as seguintes: «Copyright © 1979 by Maria Helena Cardoso»; «Composto pela Linoart Ltda. / Impresso e encadernado pelo *Círculo do Livro* S.A. / la edição». Não há indicação de data.

A composição das edições do *Círculo do Livro*, encadernada, e da Editora Nova Fronteira, brochura, é a mesma, com exceção das folhas de rosto e seu verso. A data do *copyright* indica pelo menos que são de 1979 ou posteriores. Na edição da Editora Nova Fronteira, a menção «la edição», equivocada, refere-se certamente ao fato de se tratar da primeira edição nessa editora.

Como Lúcio Cardoso morreu em setembro de 1968, as duas últimas edições mencionadas foram excluídas da colação. A edição da Bruguera (posterior a concessão em 1966 do Prêmio Machado de Assis) traz o autor como detentor do *copyright* (que nas edições do *Círculo do Livro* e da Nova Fronteira passa a ser de Maria Helena Cardoso, sua irmã), o que indicaria publicação em vida do autor (que morre em 1968). No entanto, a edição poderia ser posterior à morte do autor e, ainda assim, ter sido mantida a indicação referente ao *copyright*.

Sabe-se, porém, que, em 7 de dezembro de 1962, Lúcio Cardoso sofreu um derrame cerebral, ficando a partir de então impossibilitado de escrever. Esse dado permite supor que a edição da Bruguera, de cerca de pelo menos quatro anos após o derrame, não contou com a participação do autor. A hipótese de ele a ter preparado anteriormente não se comprova.

É similar a situação da segunda edição. Como se lê no colofão, a impressão terminou em fevereiro de 1963, ou seja, dois meses após o derrame. Não se pode comprovar que o autor tenha chegado a rever as últimas provas, até mesmo pelas circunstâncias conturbadas de sua vida à época, da mesma forma como não se pode comprovar que tivesse preparado modificações para a edição.

Assim sendo, optou-se por excluir da colação tanto a edição da Bruguera quanto a segunda edição. Além dos dados expostos acima, um exame dessas duas edições não revela qualquer alteração que pudesse ter caráter autoral. Quase todas as discrepâncias em relação à primeira edição, de resto sempre bem pequenas, podem caracterizar-se como resultado de falhas de revisão tipográfica. Isto se

verifica em especial no caso da edição da Bruguera, onde está o maior número de falhas da revisão tipográfica. Vale observar que a segunda edição, evidentemente mais bem cuidada que a edição da Bruguera, corrige alguns dos erros tipográficos da primeira edição, embora mantenha outros e incorpore ainda outros.

A eleição da primeira edição como texto-base, levando em conta a história interna e externa do texto, não se ateu ao preceito de escolha como texto-base da última edição em vida do autor, mas ao de manifestação comprovada do ânimo autoral. Para o preparo da presente edição crítica, considerou-se, portanto, que a primeira edição é a única que pode se aproximar da última e efetiva vontade autoral de Lúcio Cardoso. E aqui se enfatiza esse caráter aproximativo porque, como o exame dos originais revela e o aparato crítico documenta, algumas características do texto de Lúcio Cardoso, sobretudo no plano da ortografia e da padronização gráfica, certamente exigiram no preparo da primeira edição a intervenção de um editor de texto, enquanto por outro lado as lições dos originais permitem, em certos momentos, reconsiderar a lição da primeira edição.

Os originais

O conjunto preservado e conhecido de originais da *Crônica da Casa Assassinada* compõe-se de manuscritos e datiloscritos, englobando prototextos, ou seja, lições primitivas do texto do romance, bem como paratextos, ou seja, notas referentes à elaboração desse texto. Esse conjunto encontra-se no Setor de Literatura Brasileira (antigo Arquivo-Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Está registrado no *Inventário do Arquivo Lúcio Cardoso* (Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989).

Além de haver a informação de que o próprio autor datilografava seus textos, os datiloscritos apresentam emendas manuscritas do autor. Os manuscritos, por sua vez, apresentam qualquer dificuldade de leitura. Tanto os datiloscritos quanto os manuscritos incluem rasuras, acompanhadas ou não de substituição, mas na grande maioria dos casos é possível ler o trecho rasurado.

O grande problema para leitura dos originais de *Crônica da Casa Assassinada* é o da classificação e organização do material. Os originais se distribuem por centenas de fólios, às vezes agrupados em cadernos e blocos, mas na maioria compostos de folhas soltas dos mais diversos tipos de papéis e de variadas dimensões. Foram escritos tanto em mais de uma máquina datilográfica, quanto com diferentes lápis e canetas. Não se tem uma versão completa do romance, mas há capítulos com várias versões, enquanto outros tem apenas uma versão, havendo ainda diversos capítulos incompletos. Além disso, há fragmentos de fólios com textos que não se integram em nenhum capítulo.

O conjunto dos originais compõe-se de 634 fólios. Desse total, 574 fólios puderam ser classificados e organizados, de modo a participarem da colação. Agrupados

segundo as lições que representam, são designados pelas siglas *ms1*, *ms2*, *ms3*, *ds1*, *ds2* e *ds3*, sendo descritos mais adiante. Ao se tratar do Apêndice, faz-se a descrição de outros 9 fólhos, ocupados estes com paratextos; naturalmente ausente da colação e do aparato crítico material encontra-se transcrito no Apêndice. Os fólhos restantes, em número de 51 foram aproveitados no preparo da presente edição crítica quase sempre pela impossibilidade situá-los no conjunto dos originais – são na quase totalidade fólhos, alguns danificados, com fragmentos de texto não identificável; ou ainda são reproduções datilográficas de pequenos trechos de outros fólhos.

Descrição das lições presentes na colação

ms1

Num total de 207 fólhos, manuscritos no reto e no verso a lápis, salvo uma anotação marginal a caneta, este original, que corresponde aos capítulos que vão do 1° até o 39, distribui-se da seguinte forma: três cadernos grampeados e folhas soltas destacadas de um caderno de espiral. Os três cadernos são pautados e suas folhas medem aproximadamente 15,5 x 23 cm. O primeiro caderno tem 69 fólhos, ocupados do reto do 1° fólho até o reto do fólho 69 com texto do capítulo I (numeração do manuscrito) até parte do capítulo XII, que segue no segundo caderno. O caderno está sem capa e o verso do fólho 69 traz anotações. O segundo caderno, com texto de parte do capítulo XII até o capítulo XX, tem 57 fólhos utilizados e 4 em branco entre o fim do capítulo XX e as notas nos dois últimos fólhos. Apresentando capa, traz na primeira, manuscrita, a seguinte indicação: «L. C. / Cronica da casa assassinada / 2°»; na segunda, lê-se: «—CRONICA DA CASA ASSASSINADA—», e na terceira, encontram-se anotações e desenhos. O terceiro caderno, com 50 fólhos, é ocupado por texto do capítulo XXI até parte do XXIX, trazendo capa. Na primeira capa lê-se: «LC / ([Diario / (IX) / 1953]) / CRONICA DA CASA / ASSASSINADA / 3°», na quarta, há um desenho. As folhas soltas destacadas de um caderno de espiral são em número de 31 pautadas, medindo aproximadamente 15 x 22,5 cm e ocupadas por texto de parte do capítulo XXIX até o capítulo XL (correspondente ao 39 do texto-base).

ms2

Os 152 fólhos deste conjunto de originais distribuem-se da seguinte forma: 27 folhas soltas, destacadas de blocos de folhas picotadas na margem esquerda, pautadas, medindo duas delas aproximadamente 19 x 25,5 cm (capítulo 1) e as restantes 21 x 25,5 cm (capítulos 12, 51 e 54), manuscritas no reto a lápis e a caneta; 121 folhas soltas, sem pauta, de papéis diversos, mas de tipo aproximado, todas retiradas de blocos colados na parte superior, medindo aproximadamente entre

21 x 28 cm e 21 x 32 cm e correspondendo aos capítulos 16, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 56 manuscritas a lápis e a caneta no reto; e quatro folhas soltas, manuscritas a lápis no reto e no verso, com uma anotação marginal a caneta, medindo aproximadamente 17 x 24 cm e aparadas em duas margens. Estas quatro últimas folhas, integradas a este conjunto de originais e correspondendo a uma reelaboração do capítulo 43, são designadas como *ms2^a*.

ms3

Este conjunto de originais compõe-se de 81 fólhos, com texto de parte do capítulo 41 até o capítulo 50, manuscritos a lápis e a caneta no reto. 60 fólhos fazem parte de um bloco, cujas folhas são coladas na extremidade superior, medindo aproximadamente 21,5 x 31,5 cm. No primeiro fólho, com a função de folha de rosto, lê-se: «LC / *Cronica da casa assassinada* / (2^o) / *Rio, 1953*». Há um desenho na parte inferior direita do fólho. Esses 60 fólhos contêm de parte do capítulo 41 até parte do capítulo 48, que prossegue em outros seis fólhos. Estes são folhas soltas das mesmas dimensões, mas de tipo de papel um pouco diferente, não pertencendo ao mesmo bloco. Os 15 fólhos restantes contêm os capítulos 49 e 50. São folhas do mesmo tipo de bloco já referido, estando algumas soltas, mas de tipo de papel um pouco diferente e dimensões ligeiramente menores.

ds1

Este conjunto de originais compõe-se de 17 fólhos. São folhas soltas, nas dimensões aproximadas de 22 x 32,5 cm, datilografadas no reto. Contêm os capítulos 1, 2 e 3. O primeiro fólho traz, como folha de rosto, as seguintes indicações: «*Lucio Cardoso / CRONICA DA CASA ASSASSINADA* / (romance) / *1953*».

ds2

Este conjunto de originais compõe-se de 107 fólhos. São folhas soltas, 93 nas dimensões aproximadas de 21,5 x 28,5 cm (capítulos 1, 2, 4, 5, 6, 7, 11, 13, 14, 27, 34, 54) e 14 nas de 22 x 32,5 cm (capítulos 53, 55, 56), datilografadas no reto, com emendas do autor a lápis e a caneta, e com um desenho a caneta. O capítulo 11 tem cinco fólhos, sendo um em papel de tipo diferente e de dimensões um pouco menores, que se intercala entre os outros sem continuidade do texto; assim, quatro fólhos são designados como *ds2^a* e *ds2^b*. O capítulo 54 tem seis fólhos, havendo descontinuidade e repetição de parte assim, dois fólhos são designados como *ds2^a* e quatro como *ds2^b*.

ds3

Os 10 fólhos que constituem este conjunto de originais são tiras estreitas de comprimento variado: têm largura de 15,5 cm e comprimento de 27 a 31 cm.

Datilografadas trazem anotações manuscritas do autor a lápis e a caneta. Trata-se do capítulo 52. Entre os fólhos há descontinuidade e repetição de parte do texto, mas sendo possível verificar o fluxo de uma elaboração no correr da própria datilografia; um fólho é designado como *ds3ª*, quatro como *ds3º* e cinco como *ds3ºc*.

A

Esta edição, brochura no formato 14 x 22,5 cm, teve impressão tipográfica a partir de composição a quente, de linotipo, em papel Bouffon de 75 gramas. A composição é em corpo 10/11 e a mancha tem 17,8 x 9,8 cm.

A capa, de autoria de Darel, traz os seguintes dados: «LÚCIO CARDOSO / CRÔNICA DA CASA / ASSASSINADA / ROMANCE / LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA». A ilustração ocupa a primeira capa, a lombada e a quarta de capa. Na lombada, lê-se, de baixo para cima: «Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora – CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA / LÚCIO CARDOSO». A capa – impressa tipograficamente, com clichê a duas cores, em cartão duplex de 200 gramas – tem orelhas: na primeira, transcreve-se texto de José Lins do Rego sobre *O Enfeitado*, de Lúcio Cardoso; na segunda, anuncia-se *O Senhor do Mundo*, de Octávio de Faria.

Os exemplares da edição tem 507 páginas numeradas da 3, onde se inicia o texto do romance, até a 507, onde termina o texto. Os números ficam na parte inferior externa das páginas. A página 2 é branca e na 1 reproduz-se a capa, sob a qual há a seguinte legenda: «Reprodução do desenho de capa (em tamanho / reduzido) feito por Darel». A página é antecedida por dez páginas sem numeração: na primeira delas, falso rosto, lê-se: «CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA»; na segunda, encontram-se relação das obras do autor e os endereços da editora; na terceira, página de rosto, lê-se: «LÚCIO CARDOSO / CRÔNICA / DA / CASA ASSASSINADA / (romance) / LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA / Rio de Janeiro – 1959»; na quarta, lê-se, centrada na parte superior da página, esta indicação: «Desta 1ª edição de *Crônica da Casa Assassinada* / foram tirados, fora de comércio, vinte exem- / plares especiais em papel de linho *Westerpost*»; na quinta, encontram-se, no canto superior direito, a epígrafe (citação de São João, XI, 39, 40) e, no canto inferior esquerdo, a dedicatória, «A / VITO PENTAGNA»; a sexta e sétima páginas são ocupadas pelo desenho de um mapa do espaço principal em que transcorre o romance, a Chácara; a oitava é branca; a nona e a décima estampam o «ÍNDICE GERAL». Ao final do volume, como o texto se encerra na página ímpar 507, a 508, não numerada, é branca; segue-se, não numerada, uma folha, que na face ímpar traz o colofão: «ÊSTE LIVRO FOI CONFECCIONADO NAS / OFICINAS DA EMPRÊSA GRAFICA DA / “REVIS- TA DOS TRIBUNAIS” LTDA., À RUA / CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO

PAULO, / PARA A / LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA / RIO DE JANEIRO, / CONCLUINDO-SE A IMPRESSÃO / EM FEVEREIRO DE 1959». A numeração dos capítulos é feita em algarismos romanos que ficam sobre o título de cada capítulo; os capítulos se sucedem sem abertura de página.

Genealogia dos originais

Tendo em vista as características dos originais da *Crônica da Casa Assassinada*, tal como já referidas, não é viável estabelecer a ordenação cronológica de todas as partes do conjunto. Aquelas características se acrescenta o fato de que sem dúvida alguma não subsistiram, ou pelo menos não são conhecidas, outras lições originais. Entre estas estão pelo menos duas: a que antecedeu a lição mais remota subsistente e a que se seguiu à última lição subsistente anterior a publicação. Uma análise de *ms1* mostra que, pelo menos em parte, se trata de uma cópia autógrafa, em que se passava a limpo uma versão anterior, eliminando vacilações da elaboração do texto. No texto de *ms1* há várias emendas que são resultado evidente de erros de cópia, como emendar o salto de um trecho, ligando segmentos de texto incompatíveis, de uma forma que não é razoável no curso de uma redação. Por outro lado, as discrepâncias entre as lições mais recentes dos originais e o texto da primeira edição demonstram que houve pelo menos uma versão aí interposta e hoje desconhecida, a que foi entregue à editora para publicação.

A fragmentação dos originais, com a inexistência de uma lição que comporte a integralidade do romance, soma-se à própria estruturação fragmentária da obra. Em *ms2*, por exemplo, ao texto do capítulo 45 segue-se no mesmo fólio, não o texto do capítulo 46, mas o do capítulo 47, pois este faz parte da sequência narrativa do capítulo 45. Assim, dentro de uma mesma lição torna-se problemática a definição cronológica de sua elaboração. O fato de para alguns capítulos haver apenas uma lição, enquanto para outros há mais lições, constitui outro dado que perturba a tentativa de ordenação cronológica dos originais. Há ainda o caso de capítulos que se compuseram em momentos distintos, constituindo-se da soma de lições distintas —o melhor exemplo dessa situação é o capítulo 1, cujos trechos iniciais são evidentemente posteriores as três lições que comportam todo o resto do capítulo. Levando em consideração esses diversos fatores, só se verifica viável o estabelecimento de uma cronologia no interior de cada capítulo —essa cronologia está indicada na ordenação das variantes no aparato crítico. São estas as razões que levaram a julgar precária a apresentação de um estema. Optou-se aqui por apresentar dois quadros sinópticos complementares, um (Quadro I) em que se pode ver a distribuição das lições dos originais pelos capítulos do texto-base e outro (Quadro II) em

Quadro I

1 - ms1 ms2 ds1 ds2	2 - ms1 ds1 ds2	3 - ms1 ds1	4 - ms1 ds2
5 - ms1 ds2	6 - ms1 ds2	7 - ms1 ds2	8 - ms1
9 - ms1	10 - ms1	11 - ms1 ds2 ^a ds2 ^b	12 - ms1 ms2
13 - ms1 ds2	14 - ms1 ds2	15 - ms1	16 - ms2
17 - ms1	18 - ms1	19 - ms1	20 - ms1
21 - ms1	22 - ms1	23 - ms1	24 - ms1
25 - ms1	26 - ms1	27 - ms1 ds2	28 - ms1
29 - ms1	30 - ms1	31 - ms1	32 - ms2
33 - ms2	34 - ms2 ds2	35 - ms2	36 - ms2
37 - ms1	38 - ms1	39 - ms1	40 - ms2 ms3
41 - ms2 ms3	42 - ms2 ms3	43 - ms2 ms2 ^a ms3	44 - ms2 ms3
45 - ms2 ms3	46 - ms2 ms3	47 - ms2 ms3	48 - ms2
49 - ms2 ms3	50 - ms2 ms3	51 - ms2	52 - ds2 ^a ds2 ^b ds2 ^c
53 - ms2 ds2	54 - ms2 ds2 ^a ds2 ^b	55 - ds2	56 - ms2 ds2

Quadro II

ms1	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 37, 38, 39
ms2	1, 12, 16, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 56
ms3	40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50
ds1	1, 2, 3
ds2	1, 2, 4, 5, 6, 7, 11, 13, 14, 27, 34, 53, 54, 55, 56
ds3	52

que se pode ver a distribuição dos capítulos do texto-base por cada uma das lições presentes na colação.

Variantes

A grande maioria das variantes arroladas não se constitui de variantes pontuais, mas de reformulações mais ou menos extensas do texto. Assim, as variantes muitas vezes são de extensão considerável, sendo a parte invariável bem reduzida —as vezes tão reduzida, que talvez nem valesse a pena interromper o curso da variante para ressaltar a invariante. No entanto, as interrupções não se fazem apenas em proveito do realce de pequenas invariantes, mas também, e sobretudo, em função de uma melhor disposição gráfica do conjunto da edição crítica e, portanto, de uma atenção a viabilidade de leitura.

As variantes são transcritas no aparato crítico incluindo o último vocábulo da invariante imediatamente anterior e o primeiro vocábulo da invariante imediatamente posterior sempre antecedidas da sigla da lição de que provêm. Ocorrem uns poucos casos especiais em que se tornou desnecessária a transcrição de elementos invariantes, sem que isso impedisse a adequada localização da variante. O contrário também se dá: casos em que se amplia a transcrição de elementos invariantes para que fique mais bem delimitada a localização da variante, o que geralmente se faz necessário, para evitar dúvidas, quando há repetição muito próxima de vocábulos.

As variantes de um mesmo passo do texto-base provenientes de mais de uma lição sucedem-se no aparato crítico na ordem cronológica que se estabeleceu para as diferentes lições dentro de cada capítulo.

As variantes de menor extensão apresentam-se nas margens direitas, ao lado do trecho correspondente do texto crítico; essa justaposição dispensa remissivas. Variantes que por sua extensão não poderiam graficamente ser apresentadas dessa forma, ocupam o pé de página, sendo empregadas letras como remissivas. Por fim, 17 variantes de maior extensão foram agrupadas no Apêndice, tendo algarismos arábicos como remissivas.

Foram consideradas como variantes quaisquer discrepâncias entre os originais e o texto-base, desde que não tivessem caráter meramente ortográfico. Foram também anotadas todas as alterações feitas pela edição crítica no texto-base, com exceção dos considerados óbvios, geralmente erros tipográficos facilmente identificáveis como tais. Assim, foi objeto de anotação a opção por lição outra que não a do texto-base, quando a deste, embora não podendo ser considerada patentemente erro óbvio, se revelava alguma inadequação ou algum equívoco, sobretudo tendo-se em vista a outra lição dos originais. Vale observar que tais casos se deram em número reduzidíssimo, estando registrados no aparato crítico, onde se pode recuperar a lição do texto-base.

Incluem-se nas variantes anotações que, embora não fazendo parte do texto da narrativa, foram feitas ao correr da redação, integrando-se ao fluxo da escrita. Geralmente ocorrem nas entrelinhas ou nos finais de parágrafos. As anotações nitidamente à margem da mancha de texto foram transcritas no Apêndice.

Alterações introduzidas nos originais e mantidas no texto-base não constituíam variantes. No entanto, acréscimos, substituições, supressões, rasuras, correções, emendas, lapsos, deslocamentos ocorridos em cada uma das versões dos originais foram anotados. Esses elementos revelam o processo de elaboração do texto, já que participam de sua gênese. Assim, sempre que possível, ou melhor, sempre que se conseguiu decifrar o texto sotoposto às rasuras supressivas, arrolou-se esse tipo de variante, a lição de uma versão suprimida pelo autor. Do mesmo modo, quando se fez um acréscimo na entrelinha de um dos originais e esse acréscimo foi mantido no texto-base, fez-se a anotação, enquanto variante na edição crítica. Nesses casos, ficam anotados episódios textuais como a rasura ou a escrita na entrelinha. Na verdade, seria possível estabelecer distintas lições em um mesmo original, levando em conta os diversos tipos de alterações. No entanto, tendo em vista a massa textual que se constitui com o texto base e as variantes, essa possível subdivisão dos originais tornaria ainda maior o número de variantes. Além disso, essa possibilidade talvez criasse situações insolúveis, pelas minúcias a que levaria dentro de um conjunto de originais de classificação e ordenação já por si complexas. Optou-se assim por não desentranhar originais latentes dos originais descritos; os critérios de transcrição das variantes, no entanto, permitem tanto a leitura simultânea das versões rasuradas ou sobrepostas, quanto a leitura da forma como essas versões se apresentam nos originais.

Apêndice

No Apêndice transcrevem-se 17 variantes de grande extensão, como já referido; o capítulo XVIII de *ms1*; o capítulo XXV de *ms1*; um fragmento de capítulo de *ms2*; um capítulo de *ms2*; o fragmento intitulado «FIM POSSIVEL», que ocupa duas páginas do segundo caderno de *ms1*; notas em fólhos a parte do texto do romance; e notas nas margens dos diversos originais do romance.

O capítulo XVIII de *ms1* não corresponde propriamente a qualquer dos capítulos do texto-base, mas sua linha narrativa básica corresponde ao texto do capítulo 23. Note-se logo em seu início foi acrescentada a observação: «refazer este capitulo».

O capítulo XXV de *ms1* não corresponde a qualquer dos capítulos do texto-base.

O fragmento de capítulo de *ms2* não corresponde a qualquer trecho do texto-base, embora características do manuscrito e do texto permitam incluí-lo em *ms2*. Note-se que no início do fragmento foi acrescentada a seguinte observação: «este pedaço não».

O capítulo de *ms2* não corresponde a qualquer dos capítulos do texto-base, embora tenha elementos de capítulos, como 51 e 53, que integram a mesma seqüência narrativa.

O fragmento intitulado «FIM POSSIVEL» pertence ao conjunto de *ms1*; ocupa duas faces de dois fólhos, manuscritos a lápis, ao final do segundo caderno em que se encontra *ms1*, após quatro folhas em branco que se seguem ao fim do capítulo XX.

As notas em fólhos a parte do texto do romance ocupam nove fólhos, sendo um ao final do primeiro caderno de *ms1* (fólio 69 verso), dois ao final do segundo caderno de *ms1*, um dos quais constituído pela terceira capa deste segundo caderno, e seis folhas soltas, manuscritas a lápis e a caneta no reto, em quatro tipos de papel, com as dimensões aproximadas de 10,5 x 16 cm (1), 11 x 16 cm (2), 15 x 22,5 cm (1) e 20 x 26 cm (1), não sendo possível vinculá-los a qualquer dos conjuntos de originais.

As notas manuscritas a lápis e a caneta nas margens dos fólhos encontram-se em originais manuscritos e datiloscritos: *ms1*, *ms2*, *ds2*, *ds3*. A transcrição de cada uma delas, seguem-se, entre colchetes, indicações que possibilitam sua localização dentro dos originais, de modo a adquirirem significação como parte da produção textual.

Atualização ortográfica e padronização gráfica

A primeira edição da *Crônica da Casa Assassinated* apresenta um texto muito bem preparado, tanto em termos de correção gramatical quanto de padronização grá-

fica, e com excelente revisão tipográfica. O texto está em acordo com a norma vigente na época, a do Formulário Ortográfico de 1943.

A leitura dos originais de Lúcio Cardoso revela que se tratava de autor que não se adaptara inteiramente às alterações ortográficas introduzidas cerca de uma década antes do período em que tem início a redação da *Crônica da Casa Assassinada* (há originais datados de 1953). Ele oscilava entre a norma anterior e a vigente, incorria em desrespeito a ambas e não empregava de forma sistematizada recursos de padronização gráfica. Como esses aspectos estão presentes em todas as lições subsistentes dos originais e como foram de forma quase completa eliminados da primeira edição, é de supor que o texto tenha sido submetido ao trabalho de um preparador de texto. O fato não deve ser desprezado no estabelecimento do texto da edição crítica (sobretudo quando esta em raros passos opta por abandonar a lição do texto-base), pois a intervenção do trabalho do preparador de texto, ocorrida certamente com o assentimento do autor, fica incorporada à expressão autoral. No entanto, o fato de o autor deixar aos cuidados de outrem determinados elementos mostra o nível de significação que a eles atribuía. (A esse propósito, lembre-se a atitude diametralmente oposta de um autor como Guimarães Rosa, cujos textos o levavam a controlar de modo rigoroso a produção editorial de seus livros.) De fato, Lúcio Cardoso, nos aspectos referidos, não desenvolveu nenhuma inovação, não desejou nenhuma infração expressiva, conformando-se à norma (só abandonada por falha de conhecimento do autor).

No preparo da presente edição crítica, procedeu-se a devida atualização ortográfica, que, como o texto-base se encontra dentro da norma vigente a partir de 1943, consistiu apenas na eliminação dos chamados acentos diferenciais, seguindo disposição legal de 1971. Outras modificações ortográficas resumiram-se à correção de deslizos de revisão, erros óbvios. Nesse aspecto, o texto-base não apresenta qualquer peculiaridade que mereça atenção.

Quanto a padronização gráfica (incluindo-se aí abreviaturas, aspas, travessões e realces materiais como grifo, negrito e maiusculização), o texto-base apresenta um índice elevado de coerência. Nitidamente houve a adoção de um critério, seguido então de forma sistemática. É possível discordar de algumas das soluções escolhidas, mas como nesse plano existe uma grande margem de opção, não havendo uma norma geral impositiva, no preparo da presente edição crítica respeitou-se o critério do texto-base. Introduziram-se apenas correções nos passos em que o texto-base se desviava do padrão por ele mesmo observado.

Transcrição e convenções

Na transcrição de todos os textos, seja das variantes que compõem o aparato crítico, seja do material incluído no Apêndice, seguiu-se o princípio de respeito

completo à grafia dos originais, com todas as suas peculiaridades. Respeitaram-se, assim, desde as oscilações ortográficas entre diferentes normas, passando pelo descumprimento dessas normas, até os evidentes lapsos de escrita.

Adotou-se ainda, na transcrição, o critério de representar da melhor forma possível certos procedimentos gráficos da escrita, tais como rasuras, acréscimos na entrelinha, etc., já que se integram significativamente à elaboração textual. Para tal, empregou-se uma série de convenções que, salvo pequenas alterações, são de uso relativamente corrente em trabalhos de edição.

São os seguintes os sinais convencionados e seus significados:

- [] comentário ou acréscimo do editor de texto
- [...] ilegível
- (|) rasurado
- ([...]) rasurado e ilegível
- /-/ acrescentado na entrelinha ou (raramente) superposto à redação anterior
- ([-]) acrescentado na entrelinha e rasurado
- ([...]) acrescentado na entrelinha e ilegível
- / mudança de linha
- // mudança de linha com espaço interlinear maior ou sem observância das margens ou do recuo paragrafístico
- § parágrafo

*

O preparo desta edição crítica da *Crônica da Casa Assassinada* estendeu-se, com várias interrupções, do segundo semestre de 1986 a os primeiros meses de 1991. Ao longo desse período, desde o manuseio inicial dos originais até a entrega do material para impressão (se o romance tem cerca de 500 páginas, o aparato crítico, com perto de 4 000 variantes, ultrapassou 400 laudas datilografadas), a atenção e a colaboração de algumas pessoas foram importantes para a realização da proposta: o coordenador do volume, Marto Carelli, que soube esperar uma sempre adiada conclusão do trabalho; os colegas do Setor de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa, que me auxiliaram em várias etapas; os funcionários do Setor de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, que me atenderam nas consultas aos originais; Diana Serra Araújo, que datilografou todo o aparato crítico; Ayla Pereira de Melo, Olímpio José Garcia Matos, Rachel Teixeira Valença, Regina e Ronaldo Menegaz, que me obtiveram livros indispensáveis; Helena Cavalcanti de Lyra, João Augusto de Oliveira Freire e Rachel Teixeira Valença, que cuidaram de parte da revisão.